

O BOCCACIO NO COLISEU



Genero ligeiro
Para debutantes

Genero triste
Para viuvas inconsolaveis mas ple-
gres

Genero fino
Em todos os sentidos

Para principes e diplomatas

Augusto Berretto Filho

O Boccaccio agradou á maioria dos espectadores, desagradando a um limitado numero d'estes, que pa-
tearam. Respeitando a expansão dos pés de cada um, é opiniao nossa e o leitor não deixará de concordar, se
puzer o patriotismo de lado e o amor da patria para trás das costas, que o Boccaccio no Coliseu é muito mais
bem cantado de que na Trindade.

Por ahí...



Como o outro, a quem a areia deu um dia para andar de candieira accessa procurando um homem por essas ruas, assim eu venho de percorrer seca e meca em cata de acontecimentos da especialidade d'esta chronica, com a differença de que, se não fiz a busca de candieira, é certo que depois da busca fiquei de candieiras ás avessas!

Cansado de procurar assumpto nas aguas mornas da cidade baixa, onde um estado de apathica semsaboria se alastra amplamente como um dedal de cuspo n'uma bacia de agua, lembrou-me alongar o curso das minhas investigações até á cidade velha, ás encruzilhadas do bairro d'Alfama, aos cafés de má nota — má nota e ainda peor café — onde se joga a bisca e a navalha — tudo o que ha de mais nacional em candidos costumes — e conseguir apanhar ali, juntamente com uma facada mortal no meu abdomen de dispeptico, alguns apontamentos interessantes na minha carteira de chronista.

Fui.



E voltei de lá sem ter apanhado coisa alguma — nem ao menos a facada, para lisongear cincoenta por cento das minhas ambições!

Fui e voltei sem que me saísse coisa alguma do seu logar; nem a carteira do bolso, nem os intestinos da barriga!

Jámais poderei conformar-me com tão negregada desventura!

Os taes botequins de má nota, como pomposamente por ahí lhe chamam nas gazetas e nas partes de policia, são tudo quanto existe de mais pacato, de mais burgoz, de mais patriarchal, de mais santo que ha por esse mundo!

O cognome de má nota não passa d'uma burla, de um reclame, de um engodo para attrahir os incautos, sequiosos de acontecimentos e de navalhadas e que afinal teem de matar a sede de sangue com capilé de cavallinho!



A supressão das camareras foi o exterminio dos botequins de má nota.

Que alguns, digamol-o de passagem, é que ficaram agora de má nota ou antes de pessimas notas, com a substituição das camareras por um piano de manivella.

Uma das condições impostas no edital do governo civil para se poder exercer livremente o honroso mister de camarera, consiste na apresentação de documentos que comprovem até á saciedade a virtude, o pudor, a honestidade, a rispidez de costumes das pretendentes ao exercicio d'aquelle cargo.

Ora, não direi todas, mas algumas das damas hespanholas que entre nós desempenhavam a contento de ambas as partes — a parte d'ellas e a parte dos freguezes — o logar de camareras, tiveram uma tal ou qual difficuldade na exhibição dos attestados exigidos — não que lhes faltasse o pudor, a virtude, a honestidade e a rispidez de costumes requeridos, mas porque, sendo todas ellas hespanholas, se mandassem pedir taes documentos para a terra, ahí ficavam as familias assustadissimas, imaginando logo alguma bicha de sete cabeças!

D'ahi, as pobres camareras, não podendo provar perante o corpo de policia a pureza do proprio corpo, ficaram para todos os effeitos consideradas como mulheres de má nota, e como taes, inhibidas de vender copos de manjanilha com sorriso e tudo á razão de dois tostões por cabeça.

N'estas circumstancias, não lhes permittindo o seu mau comportamento aparente que fossem camareras, resolveram ser a unica coisa que o seu mau comportamento lhes permittia que fossem: mães de familia.

Sairam pois dos cafés, regando com lagrimas de saudade o mesmo solo que os seus numerosos admiradores costumavam regar com vinho de torna viagem, e retiraram aos afazeres caseiros, ao santuario da familia, á instituição do lar, trocando os passes de flamenco pela malha do *crochet* e o alegre zapateado do bolero pela melancolica toada do «não te esqueças meu bem que te adoro.»

Por seu turno, as mães de familia, unicas devidamente habilitadas para servirem nos cafés segundo as prescripções do governo civil, estão entrando em ajustes com os donos de botequins para que as admittam a servirem os mesmos freguezes que anteriormente eram servidos pelas camareras.

Estamos servidos!

João Tarantulo



COMO SE CONQUISTA O AMOR D'UMA BAILARINA

(Interpretação do conto mudo do nosso ultimo numero)

Ella gentil e mui guapa,
Saías curtas, carres alvas;
Elle embuçado na capa
Dos antigos marialvas.

Perdido, louco, pateta,
Nas faces abre um sorriso,
Quando famosa pirueta
Lhe ante-mostra um paraizo.

Com suavísimos conselhos
Ella esconde os olhar's ternos,
Ao vêr que ell., de joelhos,
Quer jurar-lhe amor's eternos.

Mas elle, que d'amor preso
Paixão enorme confessa,
Não resiste a tal despreso,
E a capa ao chão arremessa.

Da bailarina mui guapa
Todo o espanto eu não defino,
Ao vêr que d'essa ruim capa
Lhe sae um bom bailarino.

N'isto aos accordos formosos
D'umas canções hespanholás
Vão dançar vertiginosos
Retiniado as castanholas.

Mas tendo a scena tal vida
Dá este quadro confuso:
—Ella, d'amor já rendida,
Elle, a girar como um fuso.

Findos da dança os furores
Prende-os extranho desejo.
E á falta d'espectadores
Ambos se applaudem n'um beijo.

A scena aqui não faz ponto,
Nem de findal-a me esquivo:
Fiquem sabendo que o conto
Terminou n'um quadro vivo.

Como da historia um annexo,
Leitor, a moral vou dar-te:
—Acima do amor p'lo sexo
Inda existe o amor p'la arte.—

Porto

M. CAÇIR.



Salões, palcos e circos



apesar d'isso
os theatros já começam a abrir á formiga.

Apesar do calor
nos fazer crer que
o verão se vae met-
ter pelo inverno
dentro, em vin-
gança do inverno
passado se haver
mettido porelle—o
que mais uma vez
justifica que cada
um mette a unha
que tem, como já
anteriormente se

O theatro da Trindade foi o primeiro que abriu á for-
miga e abriu logo com a *Cigarra*, o que quer dizer que
abriu com *mendonçaecosta*, se fizermos referencia á
fabula de *a cigarra e a formiga*.

E com mendonçaecosta abriu effectivamente, por que
lôgo de seguida á *Cigarra* foi *O homem da bomba*, pro-
ducção em que Mendonça e Costa entra com cincoenta
por cento da sua veia de dramaturgo — quero dizer, de
comediaturgo, porque aquillo é comedia, não é drama.



Como se vê, para a abertura do theatro os artistas
não tiveram de decorar novos papeis, visto que já os
traziam decorados da epocha passada, mas outro tanto
não aconteceu ao theatro em si, que foi todo decorado
de novo.

Assim, os frequentadores da Trindade terão este anno,
alem das coristas pintadas por fóra, o theatro pintado
por dentro e por fóra.

E' uma pintura geral, a que talvez nem escaparam al-
guns espectadores, que amorosamente se pintassem cá
de fóra para as coristas lá de dentro e que afinal ficas-
sem *pintados* pelas coristas que lá dentro se pintam por
fóra.

A côr verde de que o theatro foi pintado é que muita
gente não reputa apropiada.

Deviam pintal-o antes côr de *palha*; ora uma côr
mais mimosa e allegorica, ainda por cima, ao director
do theatro.

E, se não podiam dispensar o verde, guardassem-n'o
antes para a primavera, adoptando a palha para du-
rante o inverno.

E assim ficaríamos tendo — salvo seja — palha no in-
verno e verde na primavera.



A companhia de *D. Maria* foi para o Porto dar al-
gumas recitas, enquanto não chega a epocha de abrir
o theatro normal.

Virginia não foi na companhia da companhia, de
que é excellenté companhia, porque — diz-se nas ga-
zetas — o seu estado não o permitiu.

O seu estado. Mas qual estado?

— Será o estado civil, de solteira, casada ou viuva?

— Será o estado... livre do Congo?

— Será o estado... de S. Jorge?

— Será, em sùmma, o estado... maior?

Perco-me em conjecturas sobre qual seja o estado que
impediu a talentosa artista de ir ao Porto.

Se se tratasse da actriz Florinda, ficaria assustadis-
simo, imaginando que se tratava de estado... *coma-
toso*.

Mas, tratando-se da Virginia, não me occorre que
demonio de estado possa ser...

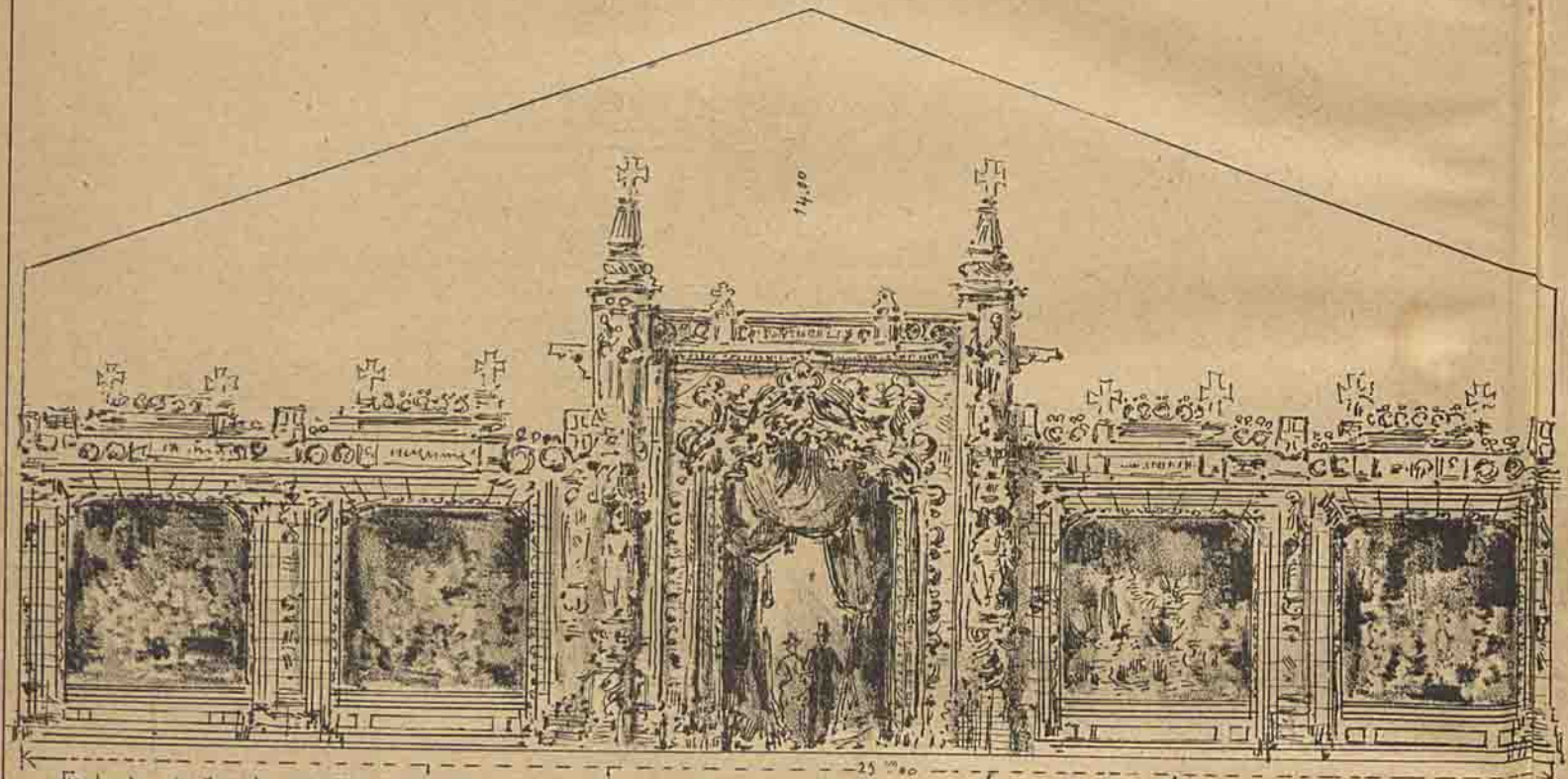
O que é, evidentemente, é uma razão de estado...

Em todo o caso intercedo aos ceus, interessando-me
por que o estado da interessante actriz não seja estado
grave e que todos em breve possamos vel-a reappare-
cer no theatro normal no goso pleno do seu estado nor-
mal...

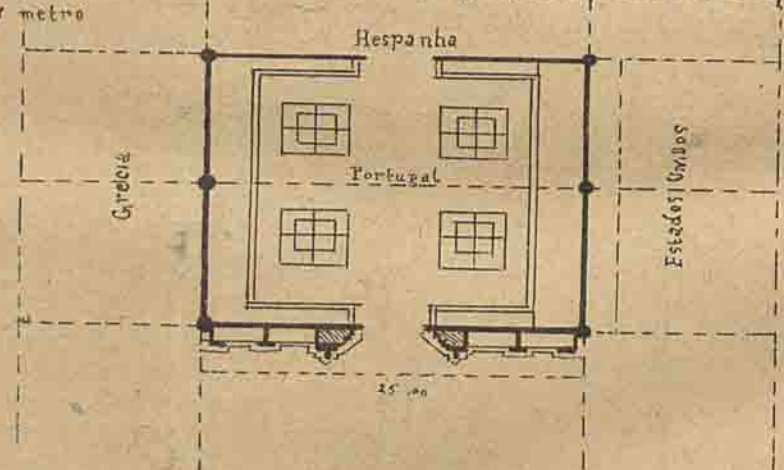
Porto, 18 de Setembro de 1888

Portugal na exposição de Paris

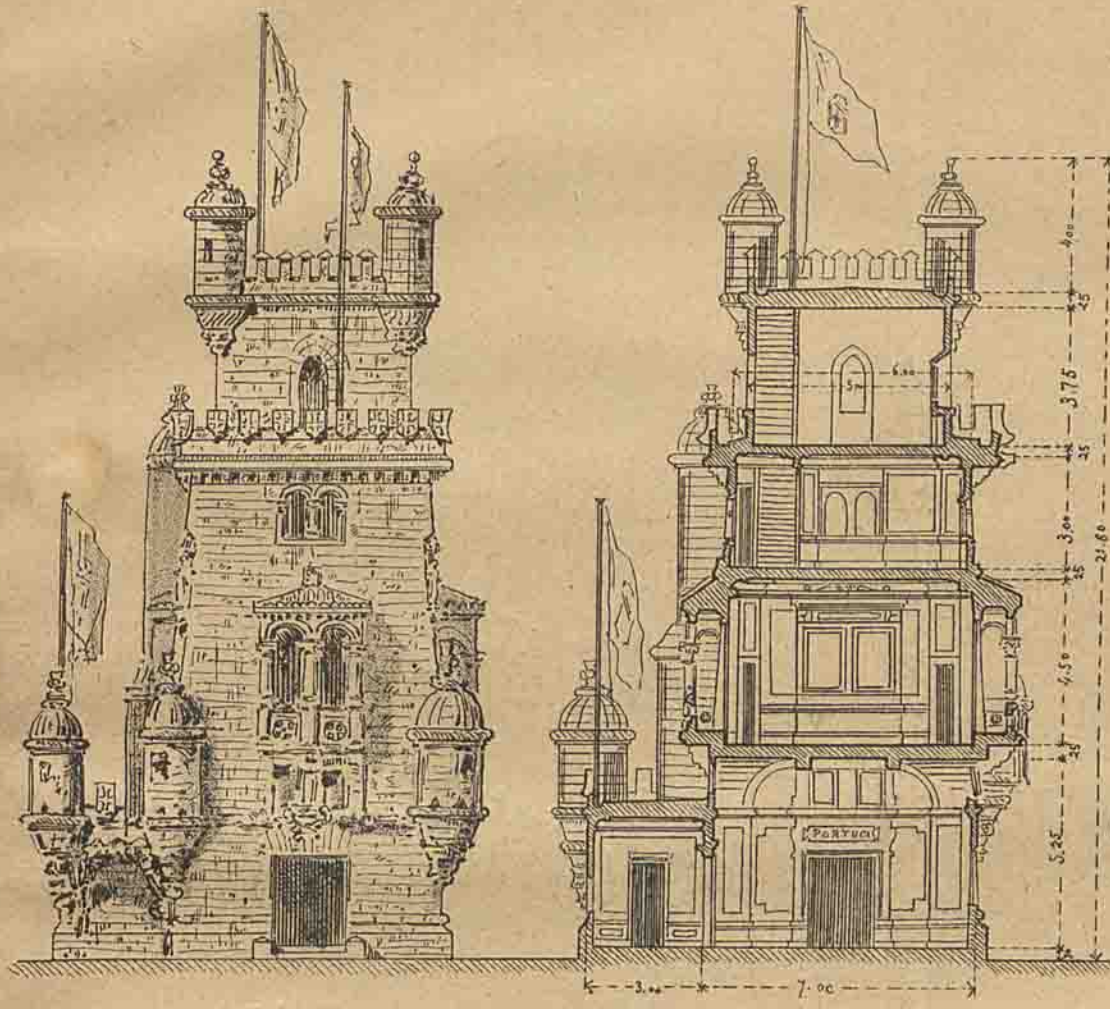
Projectos de dois pavilhões apresentados ao governo pelo Comité portuguez de Paris. Planos originaes do sr. Leidenfrost, architecto francez



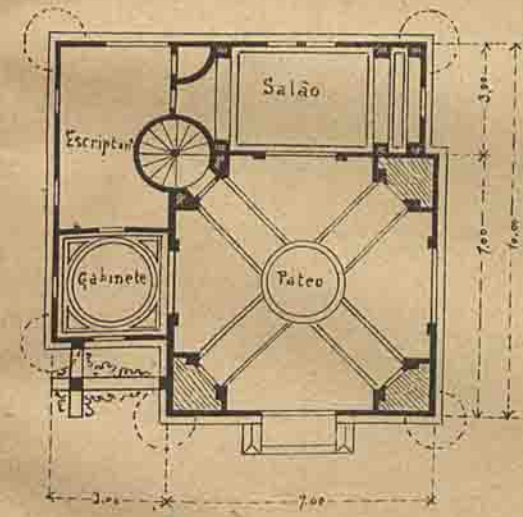
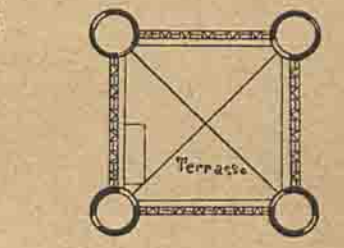
Fachada à Escala de 0.02 p.1 metro



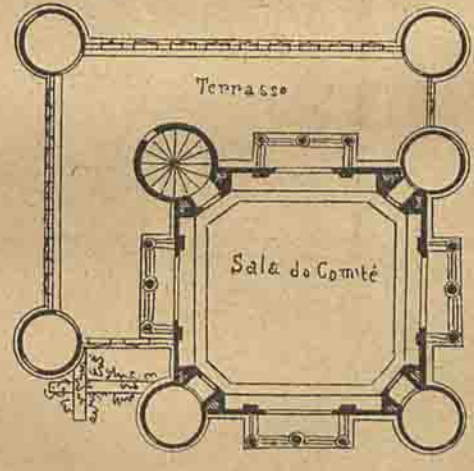
Plano à Escala de 0.005 p.1 metro



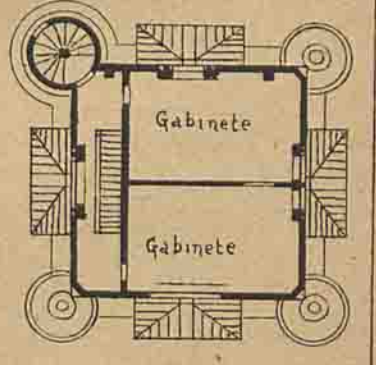
Corte



Plano do Rez-de-Chão



Plano do 1.º Andar



Plano do 2.º Andar

O comité portuguez em Paris, composto dos srs. Visconde d'Azevedo Ferreira, Camillo de Moraes, Domingos d'Oliveira e Marianno Pina — encarregou este ultimo de vir a Portugal apresentar estes projectos ao Governo e a Direcção da Associação Industrial, offerecendo-se para collaborar gratuitamente na installação d'uma secção portugueza na Exposição Universal.

A laboriosa actividade de Marianno Pina fez-se já sentir efficaçmente n'essa campanha do progresso, removendo todas as difficuldades, applanando todos os atrictos que a indifferença nacional tantas vezes levanta a estes empreendimentos de que só bem pode advir-nos, sendo muito para es-

perar, como sinceramente desejamos que a installação portugueza na exposição de Paris, longe de envergonhar-nos, de lá fóra um attestado de que nós não somos positivamente o que muitos imaginam e nós proprios, irreflectidamente, algumas vezes propalamos.

Marianno Pina esforça-se porque a installação portugueza tenha o cunho accentuado da nossa nacionalidade, dando-lhe a forma dos nossos mais severos monumentos, de preferencia aos rendilhados banaes das construcções modernas e de paternidade alheia, e provando assim, além do seu bom gosto e competencia no assumpto, o seu desinteressado affecto pelas coisas portuguezas.

Flóra de Porlas



Pedroços, que ha cerca de dois mezes gosa o prazer de me ter no seu seio — sem *calembourg* aphrodisiaco; — Pedroços, por mais que o espremesse, não me deu esta semana nem um pinguinho de succo para a limonada da minha chronica.

No domingo houve regata, que despertou no povoado uns enthusiasmos

muito comesinhos, como succede geralmente entre nós com este genero de divertimento.

E' coisa extranha, que sendo nós um povo por excellencia navegador, cujos avós rompiam ao mundo horisontes novos como os netos rompem á gente camisas velhas; é coisa extranha que as regatas não despertem ao nosso espirito o mais pequenino interesse, ao passo que as toiradas accordam em nossa alma o mais avantajado dos enthusiasmos!

Isto nos leva a crêr que os nossos gloriosos antepassados mais gloriosos se teriam imposto ao espirito nacional, se, em vez de se occuparem a metter ferros em Africa, se houvessem antes dedicado a metter ferros em touros...



Mas deixemos os touros e corramos a Turin a cidade italiana onde o sr. D. Luiz deu na noite de 13, segundo refere o correspondente do *Correio da Manhã*, uma prova incontestavel do seu completo restabelecimento physico.

Vejamos o que diz o correspondente:

«Começarei por lhe dar uma noticia que mesmo aqui em Turin é conhecida de um numero muito limitado de pessoas, e deve ser muito agradavel para Lisboa por demonstrar como realmente El-Rei D. Luiz está feita e completamente restabelecido.

«Sua Magestade fará esta noite ouvir-se no violoncello, o seu instrumento favorito, n'uma reunião de caracter completamente íntimo.»

Pelo que nos refere o correspondente do *Correio da Manhã*, vemos com prazer que el-rei está não só realmente como corporalmente restabelecido da sua macacão—com perdão de vv. ss.»

Por cá já se suspeitava com um certo fundamento de que el-rei ia em via de restabelecimento, desde que sua magestade fallou uma vez ao telephone.

Fallar ao telephone já é um bom symptoma, mas tocar o violoncello é como vulgarmente se diz «entrar em franca convalescença.»

E sua magestade entrou, entrou desafogadamente, a toques de violoncello, logo, é porque já se sente capaz d'outra — do que Deus Nosso Senhor o livre por muitos annos e bons.



Esta prova do violoncello, a mais recente e a mais importante das descobertas na moderna sciencia medica, constitue por assim dizer como que a pedra de toque onde se aquilata o grau de qualquer genero de enfermidade.

A musica, que ha meia duzia de annos não servia senão para nos atormentar os ouvidos, por intermedio dos pianos das meninas da Baixa; a musica vac hoje tendo quasi tantas applicações como o util algodão, de que se faz toalhas, polvora, chumaços para as senhoras e até camisolas... de flanela!

Pois a musica ainda hade ir mais longe!

Entre nós a musica já serve para fazer batalhas, como a que se dá todas as noites na Exposição industrial com uma secção agricola, e lá por fóra começam a utilisal-a como prova demonstrativa de completo restabelecimento na cura de todas as enfermidades!



Bella idcia, na verdade, esta de uma pessoa poder aquilatar o estado da sua saude tocando apenas á campainha do telephone ou nas cordas do violoncello!

Chega o medico, e, em vez de nos tomar o pulso, manda-nos tomar o arco do violoncello.

— Então? como vac isso boje?

— Muito desafinado, dr.; muito desafinado...

— Historias! ora deixe-me lá vêr essa lingua... Magnifica! está magnifica! Fallou já hoje ao telephone. não é verdade?

— Fallci, mas cançou-me muito, apesar do dr. dizer que tenho a lingua magnifica... Ao cabo de cinco minutos suava por todos os poros. Fiquei alagadinho, meu caro dr.; fiquei alagadinho!...

— Isso é falta de habito. Amanhã repita a dose, duas vezes ao dia, se tiver forças, verá como se dá bem...

— Pois repito, dr... Tomára eu já poder repetir a toda a hora...

— Lá chegaremos, lá chegaremos... E... a respeito de violoncello?

— Isso por ora é que nada: por mais diligencias que lhe faça, nem para traz nem para deante... Chego a acreditar que nunca mais me endireito d'esta maldita doença!

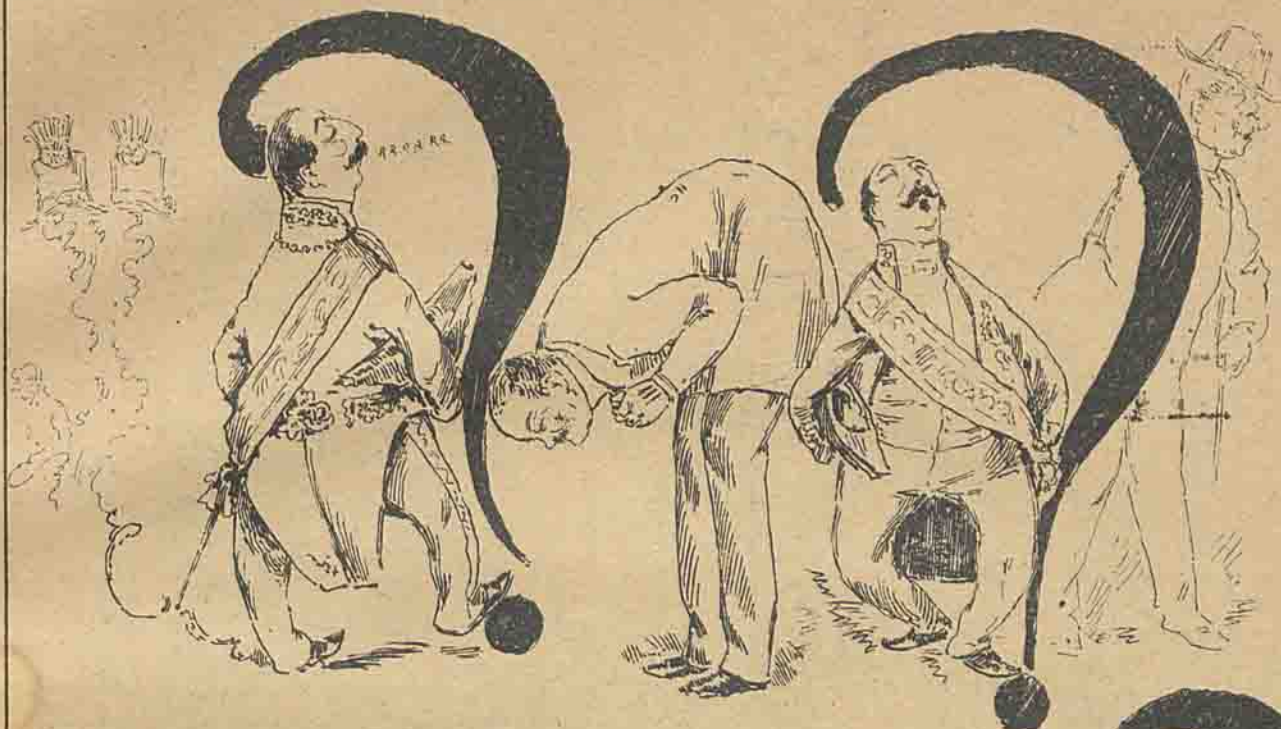
— Endireita, endireita... Não faça imprudencias, tenha confiança em mim, tome geleia de mão de vacca e verá como arriba depressa e d'aqui a meia duzia de semanas já toca violoncello como quem vac de carrinho...



Eu é que já não quero para a minha panacea outro medicamento, além do telephone e do violoncello!

Ao telephone ainda eu consegui fallar hontem á boquinha da noite; e, quanto ao violoncello, se a humidade d'esta manhã lhe não fez rebentar alguma corda, tocará logo á tarde um *potpourri* que hade fazer as delicias da visinhanca!

João Sarracolla



Que faria o Faria?

Que o Faria saiu, dizem uns,
Dizem outros que não, que lá fica;
— Sobre o caso já correm zum-zuns
A' noitinha, ao gamão, na botica...

Ninguém sabe porque elle saiu,
Do ministro na propria antecâmara!
— Um tal caso or'ginal só se viu
Co'a saída do Cam'ra da camara!

Uns diziam que não sairia;
Que saia, afinal, já se diz!
— Em Paris que faria o Faria,
P'ra o Faria sair de Paris?...

Desconsola que ao seu consulado,
Onde tão consolado vivia,
Deixe o coito o Faria, coitado,
Sem saber que faria o Faria!

E, coitado, em lugar d'esse coito,
Qu'rendo dar-lhe outro coito, dobrado,
Dá-lhe o rude ministro um bis... coito,
P'ra o coitado ficar acoitado!

Entretanto, se é certa a partida
Lá p'ra Bristol, segundo se diz,
O Faria faria partida
Que o obrigue a partir de Paris?

Do Faria a saída é assumpto
P'ra dar québra-cabeças de lei!
— Que faria, o Faria? pergunto;
Toda a gente responde: — Não sei!

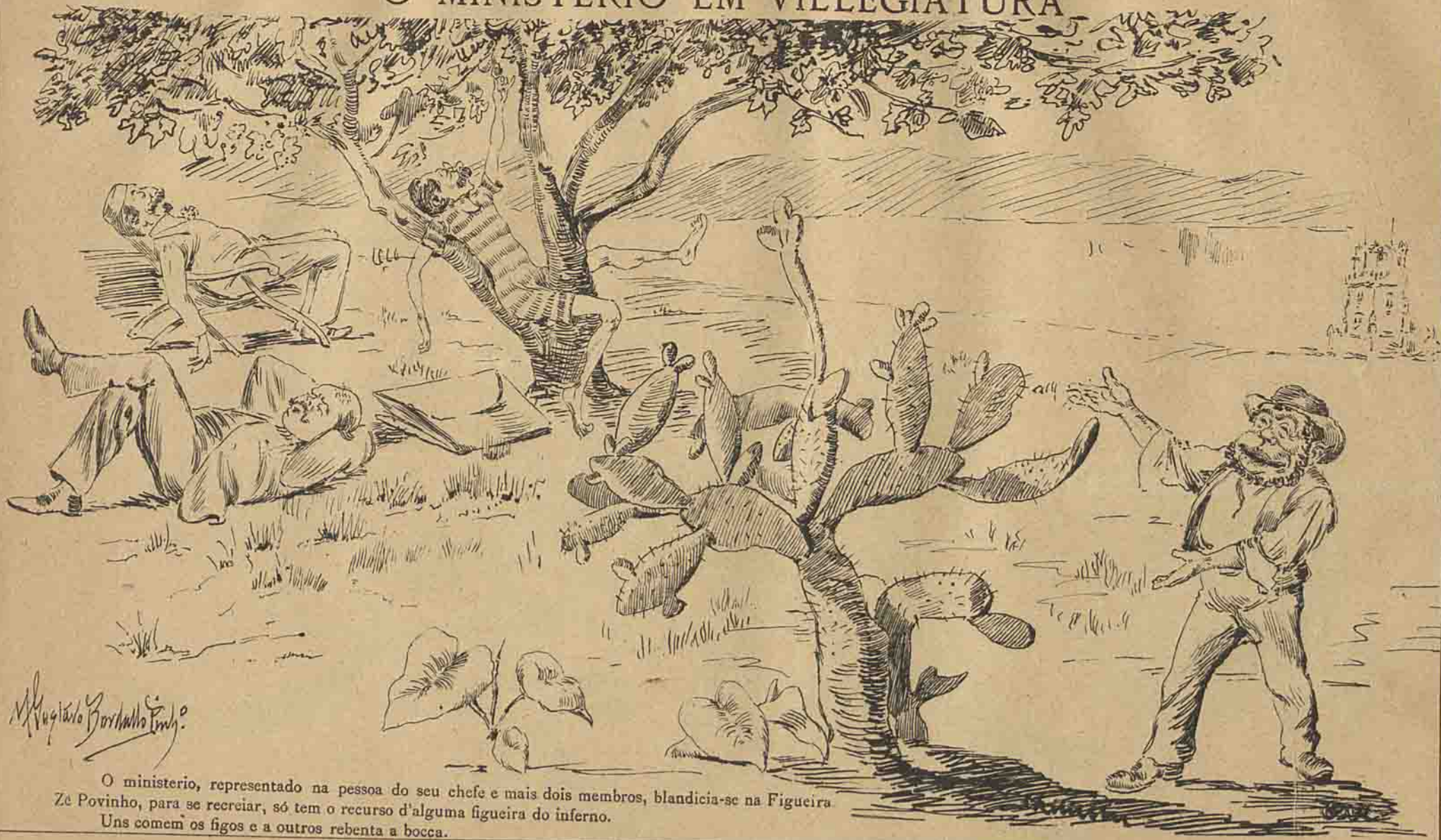
Nem se sabe se sac ou se fica,
Mas quer fique, quer saia, ou não saia,
Diz-se á noite, ao gamão, na botica,
Que a questão da saída... é de saia!..



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Os Mosii

O MINISTERIO EM VILLEGIATURA



O ministerio, representado na pessoa do seu chefe e mais dois membros, blandicia-se na Figueira Ze Povinho, para se recreiar, só tem o recurso d'alguma figueira do inferno. Uns comem os figos e a outros rebenta a bocca.